

NA COMPANHIA DO BOM PASTOR NO VALE DA SOMBRA DA MORTE DA COVID-19

Anselmo Ernesto Graff – editor

Em abril de 2020 eu escrevia esta seção afirmando que estava “sob o impacto da quarentena imposta pela globalização da Covid-19”. Na época, segundo dados da Universidade Johns Hopkins (EUA), a doença havia levado a óbito mais de 215 mil pessoas. Hoje, um pouco mais de um ano depois, os dados mostram que 3.406.261¹ pessoas já perderam suas vidas em todo o mundo. Mais do que números, são vidas interrompidas, famílias que sofrem, dificuldades com o sustento, com a manutenção do emprego e tantas outras situações adversas que transformaram o mundo num imenso vale da sombra de lágrimas.

Dentre algumas lições exploradas por autores que procuram tirar ensinamentos desse período, uma delas é exatamente sobre a morte. Morin (2020, p.26), por exemplo, afirma que a morte está voltando à agenda de todo o mundo e de todas as pessoas. “A modernidade laica recalcará ao máximo o espectro da morte, exorcizado apenas pela fé dos cristãos na ressurreição”. A paz exterior e o aumento gradativo da expectativa de vida estavam maquiando a realidade do luto que visitava apenas algumas famílias de tempos em tempos. Agora é todo o mundo que anda literalmente no vale da sombra da morte.

1 <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>, acesso em: 19 mai.2021.

A pandemia do coronavírus gerou um medo caótico global, e a morte não tem tido limites nem fronteiras para atacar através de um inimigo minúsculo e invisível, mas poderoso e capaz de manifestar, com toda clareza, toda a sua força e toda a fragilidade humana (SANTOS, 2020, p.10).

Na contramão dessa realidade, ironicamente, há aqueles que tentam abolir a morte e afirmam que ela será opcional em função dos avanços da inteligência artificial e estudos sobre a regeneração de tecidos. “Estamos vivendo tempos realmente fascinantes, tempos de mudanças exponenciais, tempos de disrupção total, um período talvez incomparável em toda a história da humanidade. Estamos entre a última geração humana mortal e a primeira geração humana imortal” (CORDEIRO, WOOD, 2019, p.339). Essas palavras ecoam um chamado contra o envelhecimento e a morte, como sendo os inimigos comuns que precisam ser derrotados. “Estamos em guerra contra a morte, uma guerra pela vida, e nossas armas são a ciência e a tecnologia” (CORDEIRO, WOOD, 2019, p.339). Nessa mesma linha está a revolução transumanista (FERRY, 2018) e cujo foco reside em lutar contra a velhice e a morte, na medida em que estas seriam males como outros quaisquer e que precisariam ser erradicadas.

Entretanto, essa visão otimista não corresponde à realidade em que se vive hoje. Primeiro, porque essa pandemia está implodindo com a segurança humana e expondo toda a fragilidade das pessoas, de sistemas econômicos e de quaisquer outros deuses deste século. Segundo, porque essa pandemia está projetando sombras em outros “inimigos” que sabotam quaisquer pretensões da imortalidade, da juventude eterna e dos “céus” aqui na terra.

Por exemplo, os Médicos Sem Fronteiras alertam para a extrema vulnerabilidade ao vírus por parte dos muitos milhares de refugiados e imigrantes detidos nos campos de internamento na Grécia. Num desses campos (campo de Moria), há uma torneira de água para 1.300 pessoas e falta sabão. Os internados não podem viver senão colados uns aos outros. Famílias de cinco ou seis pessoas dormem num espaço com menos de três metros quadrados. Isso também é Europa – a Europa invisível (SANTOS, 2020, p.8).

Uma visão otimista sobre a morte também não corresponde à Palavra de Deus. Nela, a morte é apresentada como inimiga, que foi vencida,

é verdade, mas não pela ciência, nem pela sabedoria de qualquer século, mas por Cristo. “E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘Tragada foi a morte pela vitória’. ‘Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?’ (1Co 15.54,55). A morte já está derrotada por Cristo através da sua morte e ressurreição. Cristo destruiu a morte com a sua morte, e hoje ele compartilha a vitória da sua ressurreição através do batismo. “Ou será que vocês ignoram que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição” (Rm 6.3-5). De fato, o ser humano foi criado para viver, não para perecer, e este objetivo é alcançado através da ressurreição de Jesus (KOLB, 2009, p.147).

Porém, para nós, essa vitória ainda está lá na frente. Antes, temos que lidar, aqui, com o luto e os vales da sombra da morte. Para as pessoas e para o próprio Deus, aquela é a rainha dos terrores: é o salário do pecado (Rm 6.23). A morte é descrita como uma devoradora de vidas. “Ela devorará os membros do seu corpo; serão devorados pelo primogênito da morte. O ímpio será arrancado da segurança de sua tenda, e será levado ao rei dos terrores” (Jó 18.13,14).

Essa linguagem em Jó tem como pano de fundo cultural a mitologia ugarítica, em que a morte é retratada como um deus devorador. “O primogênito de Mot é um demônio que gera infortúnios e destruição das pessoas para satisfazer a grande avidez do Sheol. Esse demônio ataca o corpo da pessoa, tornando-a uma doente terminal” (HARTLEY, 1988, p.279). A perda repentina da saúde e do vigor físico leva a vítima de Mot a ter pesadelos assombrosos e aterrorizantes antes de sua morte.

A Covid-19 não é o filho de Mot, mas está devorando as vidas de muitas pessoas. Está também aterrorizando e causando assombros e infortúnios em milhões de seres humanos. O “fantasma” da morte é algo que nos persegue a todo tempo. Ela coloca em xeque quaisquer pretensões humanas de felicidade plena e perene. Na hora da doença terminal, ninguém tem força para dizer “eu vou derrotar a doença” e seguir em

frente. Não conseguimos, ninguém consegue, pois não somos donos do nosso destino.

Entretanto, essa realidade, ainda que pessimista, não é a única nem a última Palavra de Deus. Na voz do salmista, no salmo 23, Davi confessa e crê que mesmo que ele ande no mais profundo terror, por detrás dessas forças está a realidade mais forte, a saber, a presença e o cuidado do Bom Pastor, “porque ele está comigo”.

Que situações podem ser comparadas aos “vales da sombra da morte”? Tribulação, desastres, tragédias, doença? Por um lado, Jó usou a metáfora da escuridão para falar da morte. “Será que a você foram reveladas as portas da morte? Você viu essas portas da região tenebrosa?” (Jó 38.17); “Não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me em paz, para que por um pouco eu tome alento, antes que eu vá para o lugar do qual não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte, terra de escuridão, de trevas profundas, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é como a escuridão” (Jó 10.20-22).

Por outro lado, o próprio Jó e os profetas descrevem situações de desesperança, derrotas, luto, descrença e tribulação, através da metáfora da escuridão. “Minha inimiga, não se alegre a respeito de mim; ainda que tenha caído, eu tornarei a me levantar; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz” (Mq 7.8); “O meu rosto está vermelho de tanto chorar, e sobre as minhas pálpebras está a sombra da morte” (Jó 16.16); “Alguns se assentaram nas trevas e nas sombras da morte, presos em aflição e em correntes de ferro” (Sl 107.10) (SALESKA, 2020, p.411).

Por isso, toda a humanidade está em trevas, como ovelhas que não têm pastor (2Cr 18.16; Jr 50.6; Mt 9.36). A missão da igreja de Cristo é fazer ouvir-se através da voz do Pastor do salmo 23, o próprio Deus, que se encarnou por intermédio de Jesus, o Bom Pastor, que foi morto (Is 53.7), mas que ressuscitou como Deus para ser o Supremo Pastor (1Pe 5.4). As palavras do salmo 23 oferecem o que suas próprias palavras dizem. Elas restauram, dão descanso e força de continuar em frente, mesmo que a fé esteja por um fio e que não se veja luz nenhuma em qualquer vale da sombra da morte.

O que ele diz também relembra à humanidade que o caminho que estamos seguindo ou estamos sendo conduzidos, pelo Bom Pastor, é o certo, mesmo que a rodovia esteja sem sinalização adequada. A vereda

é certa, porque não é a nossa, mas aquela que o Senhor mostrar (SALESKA, 2020, p.413).

A mensagem do salmo 23 pressupõe que nossa visão sobre os caminhos de Deus é diferente de outras descrições da realidade, como por exemplo, aquela que entende que o ser humano é mestre do seu destino ou “capitão” da sua alma, afinal, um atributo da autossuficiência humana é que é e que está sendo podada de forma intensa no vale da sombra da morte da Covid-19.

Também não somos guiados somente pelas circunstâncias aleatórias de nossa vida, pois estamos sob o controle do Pastor Jesus. É aquilo que se costuma dizer com certa frequência “Deus no comando”. Entretanto, essa liderança do Pastor Divino se torna mais significativa ao reconhecermos que é ele que tem os melhores interesses para nossa vida e da humanidade, e que sua promessa é de que nunca nos faltou nada, nada nos falta e nada nos faltará (SALESKA, 2020, p.414).

Neste salmo, o Senhor também nos dá uma outra forma de pensar sobre ele. “Bondade e misericórdia me seguirão”. Deus humaniza e concretiza conceitos abstratos como a bondade e a misericórdia, que se tornam assim experimentáveis em nossa vida, e não apenas algo que nós refletimos ou pensamos (SALESKA, 2020, p.416-417).

“Por que o Salmo 23 tem sido o centro da vida de oração dos cristãos de todos os tempos? Eu penso que é porque nele nós vemos mais claramente o coração de nosso Senhor” (SALESKA, 2020, p.418). Assim, contra as evidências, as palavras do salmo 23 continuam abrindo o coração de Deus e mostrando toda a sua benevolência e graça.

Ao contrário do que às vezes se pensa, ainda que inspirado por Deus, Davi não escolheu a metáfora do pastor de ovelhas para se referir a Deus de forma casual. Deus foi o poderoso Pastor de Israel desde sempre. “O seu arco, porém, permanece firme, e os seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel, pelo Deus de seu pai, que o ajudará, e pelo Todo-Poderoso, que o abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e do ventre” (Gn 49.24,25; cf. Ne 9.20,21).

A história de Deus e de Davi é a nossa história com Cristo. Quando Jesus utilizou essa metáfora para falar de si como o Bom Pastor, possivelmente não estava fazendo uso de uma linguagem apenas familiar às

pessoas. Ele estava falando dele como Senhor e Pastor, como no salmo 23. Através dos ecos da redenção do êxodo (Dt 2.7; Êx 15.13; Nm 10.33; Jr 2.6) implícitos no salmo 23, Jesus é o Pastor-Deus que dá a vida pelas suas ovelhas (CRAIGIE, 1983, p.209).

Como nosso Pastor, Jesus vai à frente e faz todo o tipo que bem que precisa ser feito para nos guardar e nos guiar em todos os caminhos (KOLB, 2009, p.143). Usando uma ideia de Craigie (1983, p.207), o Bom Pastor usa a vara para afastar os inimigos e o cajado para conduzir as ovelhas. Por fim, se Deus é mais forte do que a morte, ele é capaz de arrumar uma mesa no deserto, e se sua bondade e misericórdia nos perseguem em toda a nossa vida, certamente, o fim dessa história será a habitação no templo eterno do Senhor para sempre.

O primeiro número da Revista Igreja Luterana em 2021 tem um menu super variado. Rios e Fukue, tendo como referência o atual contexto de pandemia e reclusão, propõem “que a Igreja sem templo ou fora do templo tem no amor um lugar próprio de culto erigido dinamicamente em qualquer situação. Em outras palavras, Deus é cultuado na horizontalidade, no exercício das vocações, inclusive. Embora parta de uma situação atípica, entendemos que a presente reflexão deverá ser útil para uma consideração mais profunda sobre a igreja, inclusive em situações mais normais”.

Schmidt e Fuhrmann exploram o tema da pregação e “apontam na direção de aprofundar mais o estudo da Teologia Luterana da Pregação e de valorizar a sua arte, colocando-as a serviço da proclamação”.

Alves Junior e Linden investigaram questões relacionadas à doutrina confessional luterana da igreja e do santo ofício do ministério, concluindo “que a teologia luterana traz bastante foco na essência das doutrinas relacionadas e na sua necessidade de expressão externa, contudo, dá grande liberdade quanto ao modo destas se exprimirem”.

Oliveira e Prunzel apresentam pesquisa sobre racismo, dignidade e direitos humanos, indicando “uma reflexão a respeito dos conceitos vinculados à questão do racismo e o conseqüente questionamento da legitimidade do mesmo, frente ao posicionamento bíblico e à ética cristã favoráveis à dignidade humana de forma imparcial”.

Sonntag e Scholz examinaram questões relacionadas à biotecnologia, deficiência e perfeição, observando que “à luz da teologia da criação

e da teologia da deficiência, a biotecnologia é colocada diante de questões de uso e cautela, bem como princípios de humildade, cuidados e relacionamento. A Teologia traz uma definição do que é o ser humano, o que contribui para a conversa e a compreensão dessa busca pela perfeição que implicam ações de cuidado e amor”.

Erstling e Nerbas pesquisaram sobre a Astrologia, fé cristã e algumas de suas decorrências teológicas. “Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que, desde a antiguidade até os dias de hoje, a astrologia tem muita influência dentro da sociedade. No entanto, nem todos mantiveram-se quietos ou indiferentes a esta influência, pais da igreja e teólogos alertaram sobre os perigos que a astrologia traz para a fé cristã”.

Ferreira e Linden examinaram o diaconato na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) à luz do Novo Testamento e de experiências do luteranismo confessional. “Os resultados da pesquisa sugerem que o diaconato é uma das facetas do ministério pastoral, diferente da diaconia, que pode ser entendida como o serviço multiforme que nasce da fé em Cristo e é desenhada pelas necessidades particulares de cada tempo e lugar”.

Que fartura! Louvado seja Deus, e abençoada leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDEIRO, José Luis; WOOD, David. *A morte da morte: a possibilidade científica da imortalidade*. Trad. Nicolas Chernavsky e Nina Torres Zanvetor. São Paulo: LVM, 2019.

CRAIGIE, Peter C. *Word Biblical Commentary – Psalms 1-50*, v.19. Waco: Word Books, 1983.

FERRY, Luc. *A revolução transumanista*. Trad. Éric R.R. Heneault. Barueri: Manoele, 2018.

HARTLEY, John E. *The Book of Job*. The New International Commentary on the Old Testament. Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1988.

KOLB, Robert. *Comunicando o Evangelho hoje*. Trad. Dieter Joel Jagnow. Porto Alegre: Concórdia, 2009.

MORIN, Edgar. *É hora de mudar de via: a lições do coronavírus*. Trad. Ivone C. Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SALESKA, Timothy E. *Concordia Commentary – A Theological Exposition of Sacred Scripture. Psalms 1-50*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo Editorial. Edição do Kindle, 2020.